



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

VIVIANE APARECIDA DA SILVA SANTOS

**Linguagem multimodal e análise linguística numa perspectiva
construcional**

RONDONÓPOLIS-MT

2019/2

VIVIANE APARECIDA DA SILVA SANTOS

**Linguagem multimodal e análise linguística numa perspectiva
construcional**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Banca examinadora do curso de graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso-Câmpus de Rondonópolis, como requisito para obtenção do título de graduada em Letras- Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Agameton Ramsés Justino.

RONDONÓPOLIS-MT

2019/2

Agradecimentos

Gostaria de agradecer e dedicar a presente pesquisa às seguintes pessoas:

A Deus, Senhor de todas às horas e autor da minha história;

A minha mãe Vilma e meu pai Floriano, por toda dedicação e incentivos que me proporcionaram trilhar caminhos para que eu pudesse chegar até aqui;

Ao meu esposo Gabriel Henrique, por todo apoio prestado a mim nos momentos difíceis e por sua compreensão a minha ausência enquanto me dedicava a fazer este trabalho;

Aos amigos, que sempre estiveram ao meu lado, pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado, ao longo de todo esse tempo. Especialmente a grande amiga e parceira de curso, Izadora Araujo, por ter tornado a caminhada ao longo dos anos de graduação mais leve;

Aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional ao longo do curso. Em especial, ao professor Agameton Ramsés, por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com dedicação, paciência e amizade;

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado;

Aos meus colegas de curso, com os quais convivi intensamente durante os últimos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formando;

Por fim, mas não menos importante, dedico este trabalho a mim, pela perseverança e coragem que, alicerçadas em Deus, permitiram-me enfrentar os obstáculos e nunca desistir.

Epígrafe

*“Só eu sei
O quanto me arrastei
Para criar minhas asas
Queira o meu retorno,
Não o meu voo”*

Divino Arbués

RESUMO

Este é um trabalho sobre Linguagem multimodal e análise linguística numa perspectiva construcional, que tem por objetivo descrever novos usos do português brasileiro a partir da aproximação entre linguagem verbal e não verbal, em memes produzidos nas redes sociais, apresentando expedientes cognitivos e semânticos usados, pelos falantes, na comunicação. Procurou-se, ainda, refletir sobre novas abordagens do ensino de análise linguística na perspectiva construcional da linguagem. A pesquisa é baseada em um estudo sincrônico e qualitativo e respalda-se nos autores POSSENTI (1996), TRAVAGLIA (2002), FRANCHI (1991), SILVA(1999), CUNHA (2014 e 2016), OLIVEIRA (2017), SILVA (1997), TAVARES (2016), ROSÁRIO (2015) e CASSEB-GALVÃO e BAGNO (2017). Os resultados desse trabalho evidenciaram como a análise linguística sob uma perspectiva construcional dá subsídios e pode contribuir para que o processo de ensino-aprendizagem amplie e desenvolva nos alunos habilidades que os capacitem realizar uma construção reflexiva tanto em textos orais quanto em textos escritos, de gêneros e níveis de formalidade diferentes, reconhecendo-os e adequando-os dentro dos respectivos contextos. Consideramos também que o meme ao trabalhar a língua(gem) sob uma abordagem funcionalista, contempla nela as modalidades verbal e não-verbal, além de nos possibilitar a resignificação da gramática através da relação entre forma e função moldada conforme os usos, tornando-a mais interessante e acessível pela capacidade quem tem de transmitir ideias e informações de maneira mais rápida, humorada e atrativa.

Palavras-chave: Linguagem multimodal. Análise Linguística. Perspectiva Construcional.

RESUMEN

Este es un trabajo sobre el Lenguaje multimodal y el análisis lingüístico en una perspectiva constructiva que tiene como objetivo describir los nuevos usos del portugués brasileño a partir de la aproximación entre el lenguaje verbal y no verbal en los memes producidos en las redes sociales, presentando dispositivos cognitivos y semánticos utilizados por los hablantes en la comunicación. También tratamos de reflexionar sobre nuevos enfoques para la enseñanza del análisis lingüístico en la perspectiva constructiva del lenguaje. La investigación se basa en un estudio sincrónico y cualitativo y está respaldada por los autores POSSENTI (1996), TRAVAGLIA (2002), FRANCHI (1991), SILVA (1999), CUNHA (2014 y 2016), OLIVEIRA (2017), SILVA (1997), TAVARES (2016), ROSÁRIO (2015) y CASSEB-GALVÍO y BAGNO (2017). Los resultados de este trabajo mostraron cómo el análisis lingüístico desde una perspectiva constructiva proporciona subsidios y puede contribuir al proceso de enseñanza-aprendizaje para expandir y desarrollar en los estudiantes habilidades que les permitan llevar a cabo una construcción reflexiva tanto en textos orales como escritos, de géneros y diferentes niveles de formalidad, reconociéndolos y adaptándolos dentro de sus respectivos contextos. También consideramos que el meme cuando se trabaja el lenguaje bajo un enfoque funcionalista, contempla en él las modalidades verbales y no verbales, además de permitirnos volver a significar la gramática a través de la relación entre forma y función moldeada de acuerdo con los usos, haciéndola más interesante y accesible debido a la capacidad de quienes tienen que transmitir ideas e información de una manera más rápida, humorística y atractiva.

Palabras clave: Lenguaje multimodal. Análisis lingüístico. Perspectiva constructiva.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-EasyCodes.....	14
Figura 2-WestSide.....	14
Figura 3- stickerBH.....	15
Figura 4- Memes do J Barbosa.....	15
Figura 5- Stickers.....	17
Figura 6- Foda se.....	18
Figura 7- Não Entre Aki.....	18

SUMÁRIO

1. Introdução.....	1
2. Concepções de Gramática.....	4
3. Linguística Funcional: uma abordagem centrada em analisar os variados usos da língua.....	8
4. A linguagem multimodal dos memes em uma perspectiva construcional.....	13
5. Considerações Finais.....	20
6. Referências.....	23

Linguagem multimodal e análise linguística numa perspectiva construcional

1. Introdução

Sabe-se que a linguagem é, antes de tudo, quem organiza e dá sentidos à nossa vida em sociedade. Trata-se de um conjunto de signos e sinais com o que o sujeito interage e percebe o mundo a sua volta. Assim sendo, pode ser concebida como a forma ou processo de interação, com a qual os indivíduos, conseguem comunicar-se, expressar-se, compreender e realizar ações de modo geral, desenvolvendo-se cognitivamente e socialmente.

A língua, por sua vez, consiste no objeto de comunicação social que se renova e adapta-se aos novos usos discursivos, possibilitando transmissão e recepção de enunciados por meio da interação social entre falantes. Assim sendo, a estrutura gramatical da língua não é fixa e estará em constante mudança, ou seja, o discurso produzirá a gramática a partir das convenções verificadas em seu uso.

O objeto de estudo principal desta pesquisa, o meme, relaciona-se à transmissão de ideia por meio das redes sociais, onde são adaptados, perpetuando, memeticamente as características da cultura de onde advêm. Os memes associam diferentes gêneros discursivos de linguagem verbal e não-verbal, criando novas maneiras de compartilharmos blocos de sentidos. E, devido à eficiência desse tipo de associação na comunicação entre os falantes os memes têm se destacado como um fenômeno de linguagem altamente produtivo nas redes sociais.

Neste trabalho apresentamos um estudo sincrônico e qualitativo, em que buscamos descrever novos usos do português brasileiro a partir da aproximação entre linguagem verbal e não verbal em memes produzidos nas redes sociais, apresentando expedientes cognitivos e semânticos usados pelos falantes na comunicação. Procuramos, ainda, refletir sobre novas abordagens do ensino de análise linguística na perspectiva construcional da linguagem.

Essa perspectiva construcional é proveniente dos estudos do funcionalismo linguístico na Gramática das Construções, fundamentado por autores como CUNHA (2014 e 2016), OLIVEIRA (2017), SILVA (1997), TAVARES (2016), ROSÁRIO (2015) e CASSEB-GALVÃO e BAGNO (2017) que

concebem a gramática não como um conjunto de regras e leis, mas como uma rede linguística de forma e função variáveis, por meio da qual os falantes compartilham padrões cognitivos culturais e sociais de compreensão do mundo.

Nos respaldamos também em POSSENTI (1996), TRAVAGLIA (2002), FRANCHI (1991), SILVA(1999), dentre outros, para refletir sobre concepções de língua e gramática em ensino de Língua Portuguesa, evidenciando que diferentes conceitos de língua e gramática geram abordagens distintas para o ensino de Língua Portuguesa.

Este trabalho está estruturado em três seções. A primeira trata das concepções de língua e gramática e suas implicações para o ensino de Língua Portuguesa. A segunda discorre sobre aspectos e concepções ligados à Linguística Funcional como sendo uma abordagem centrada em analisar os variados usos da língua. E na terceira sessão analisamos alguns memes em que refletimos sobre novas abordagens do ensino de análise linguística na perspectiva construcional da linguagem, seguida das considerações finais.

Considerando a era tecnológica a qual estamos inseridos, e percebendo o meme como sendo um novo gênero textual, usado em situações de interação comunicacional, pelos usuários das redes sociais, o critério para delimitação do corpus de análise se deu por meio da seleção de memes que estão sendo utilizados com maior frequência em situação de interação comunicacional nas redes sociais. Dentre esses memes, escolhemos aqueles que mais nos chamaram atenção pelos efeitos de sentidos provocados pela associação de diferentes linguagens. Abaixo de cada um dos memes há o nome de seus criadores.

Nosso interesse em discutir sobre o presente tema surgiu durante os estudos e leituras relacionados ao ensino de Língua Portuguesa na formação do curso de Letras. Nestes estudos, nos chamou atenção as discussões sobre o ensino de gramática sob uma perspectiva funcionalista e construcional apresentadas em obras tais como O todo da língua, Porque (Não) ensinar gramática na escola? e Linguística funcional centrada no uso e ensino de português (conforme referências). Sobretudo, nosso interesse se deu pela necessidade que tínhamos enquanto discentes do curso de Letras-Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, em poder ensinar gramática,

bem como ressignificá-la para os alunos, a partir de gêneros textuais que fazem parte do seu cotidiano, dentro e fora do contexto escolar.

Fica evidente como a análise linguística sob uma perspectiva construcional dá subsídios e pode contribuir para que o processo de ensino-aprendizagem amplie e desenvolva nos alunos habilidades que os capacitem realizar uma construção reflexiva tanto em textos orais quanto em textos escritos, de gêneros e níveis de formalidade diferentes, reconhecendo-os e adequando-os dentro dos respectivos contextos.

Dessa forma, é notório que o meme ao trabalhar a língua(gem) sob uma abordagem funcionalista, contempla nela as modalidades verbal e não-verbal, além de nos possibilitar a ressignificação da gramática através da relação entre forma e função moldada conforme os usos, tornando-a mais interessante e acessível pela capacidade que tem de transmitir ideias e informações de maneira mais rápida, humorada e atrativa.

2. Concepções de Gramática

Ao se falar em Gramática, é comum pensarmos em uma ferramenta que tem por finalidade regular e orientar o uso da língua, estabelecendo uma padronização, tanto da fala quanto da escrita. De um modo geral, sua matéria prima é o conjunto ou sistema de normas que estruturam a língua.

Nesta concepção, para escrever ou falar corretamente, seria necessário ao falante saber regras específicas da gramática, das diferentes classes de palavras, suas flexões, suas combinações possíveis, a ordem de sua colocação nas frases, seus casos de concordância, dentre outras noções semânticas, sintáticas e morfológicas.

Porém, é importante lembrar que, ao se falar em gramática podemos descrever diferentes concepções, conforme descreve Possenti (1996, p. 63 e 64) ao entender a gramática como um conjunto de regras que devem ser seguidas, que são seguidas e que o falante domina.

Travaglia (2002, p. 24-28), por sua vez, propõe, como concepção de gramática, aquilo que pode ser entendido como:

1. Um manual com regras de bom uso da língua;
2. Descrição de como a língua funciona, do conjunto de regras que são usadas pelos falantes;
3. Saber linguístico que o falante de uma língua desenvolve dentro de certos limites impostos pela sua própria dotação genética humana (...) natureza social e antropológica.

Para Franchi (1991, p. 48-54), gramática é:

1. O conjunto sistemático de normas;
2. Sistema de noções mediante as quais se descrevem os fatos de uma língua;
3. O saber linguístico que o falante de uma língua desenvolve dentro de certos limites impostos pela sua própria dotação genética.

De acordo com as concepções acima, é perceptível a existência de três tipos de gramática, sobre os quais pode-se apresentar abordagens distintas: um primeiro referente às gramáticas normativas ou prescritivas, o segundo a gramática descritiva e o terceiro a gramática internalizada.

A gramática normativa é o que conhecemos como “norma culta”, são as regras desse tipo de gramática ditam a forma como o português deve ser falado. São elas que estabelecem, por exemplo, as normas de concordância e

regência verbal e nominal, as flexões de gênero, número e pessoa, colocações das palavras nas frases e até a pronúncia e acentuação.

Desta maneira, o domínio das regras por elas explicitadas visa à aquisição da variedade padrão tanto na produção oral, quanto escrita. Esta faz uma representação da língua, considerando as escolhas das pessoas cultas e de prestígio social, sobretudo na modalidade escrita, sem se preocupar com as variedades orais da norma culta, ainda que seja essa uma modalidade idêntica à escrita. Neste sentido, todas as outras formas de uso da língua são considerados erros (agramatical) e, por isso, a variedade dita gramatical deve ser seguida por todos os falantes dessa língua, com a finalidade de que não haja degeneração da língua de seu país.

Já a gramática descritiva, como apresenta Travaglia (2002, p.32)

descreve e registra para uma determinada variedade da língua em um dado momento de sua existência as unidades e categorias linguísticas existentes, os tipos de construções possíveis e a função desses elementos, o modo e as condições de uso dos mesmos.

ou seja, preocupa-se apenas em explicar o que as pessoas falam e tentam “descrever e/ou explicar as línguas tais como elas são faladas.” (Possenti 1996, p. 65).

Portanto, essa concepção é caracterizada por fazer uma descrição da estrutura e funcionamento da língua, de sua forma e função, possibilitando associar, a cada expressão dessa língua, uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso, de modo a separar o que é gramatical do que não é gramatical.

Segundo Silva (1999, p. 15-16), podemos acrescentar ainda o fato de que essa gramática não está preocupada em prescrever normas ou definir padrões em estado de correto ou incorreto, da maneira que faz a gramática normativa. Ela busca apenas documentar uma língua tal como ela se manifesta no momento da descrição, fazendo isso de tal maneira que se tem uma perspectiva destituída de qualquer preconceito linguístico, ampliando seu campo de atuação, visto que contempla toda a diversidade, não se restringindo à abordagem da variante padrão.

Dessa forma, observa-se que, para este tipo de gramática, gramatical será tudo o que atende às regras de funcionamento da língua de acordo com determinada variedade linguística. Da mesma maneira que se sucede na dicotomia linguística saussuriana *langue e parole*, cuja primeira tida como o sistema formal e abstrato da língua é vista como algo uniforme que regula as variedades da segunda.

Por fim, a Gramática internalizada, de acordo com Travaglia (2002, p. 32) trata-se do “conjunto de regras que é dominado pelos falantes e que lhes permite o uso normal da língua”.

Para que o indivíduo tenha conhecimento sobre gramática não necessitará a dependência de quaisquer processos de aprendizado sistemático como os de escolarização, mas de uma construção progressiva, no próprio desempenho linguístico, de hipóteses sobre o que seja a linguagem de seus princípios e regras.

Essa gramática será o objeto da descrição e não haverá erros linguísticos, mas sim a inadequação de suas variedades quando empregadas em uma dada situação de interação comunicativa, em que uma intenção conversacional seria melhor alcançada através de outros recursos. Travaglia (2009, p.29) explica que

tudo isso é reflexo de um contexto sócio-histórico-ideológico, um modo de nossa sociedade ver os fatos em determinado momento da história. (...) que é essa gramática internalizada que constitui e da forma ao que chamamos de competência gramatical ou linguística do usuário da língua...

isto porque, segundo ele, é a gramática que permite ao usuário construir um número infinito de frases e julgar sua gramaticalidade.

Como bem diz Possenti (1996), essa gramática refere-se às circunstâncias que capacitam o falante “a produzir frases ou sequências de palavras de maneira tal que essas frases e sequências são compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma língua.” (p. 69).

Por esses motivos podemos afirmar então, que não existem usos linguísticos melhores ou mais corretos, existem usos com mais aceitação e prestígios e usos que advêm de questões sociais de poder político, cultural e econômico, em que há a pretensão de que os indivíduos excluam da língua tudo

o que não seja, da Língua Portuguesa, de origem, grega, latina ou de épocas primitivas da mesma e usos que exigem que as construções e o léxico escolhido resultem da “expressão do pensamento” (caráter prescritivo da gramática normativa).

De acordo com Antunes (2007, p.30), algumas definições como as acima não são feitas por razões puramente linguísticas, por razões internas a própria língua. Desse modo, alguns dos argumentos utilizados para a formação de tais definições são justificadas por motivações de natureza: estética, elitista ou aristocrática, política, comunicacional e histórica, convenções sociais e culturais que estabelecem o que representa ou não o falar social mais aceito.

Por mais que a gramática, do ponto de vista tradicional, tenha a finalidade de padronizar a língua, esta é direcionada à comunicação e interação social. Assim, supõe-se que elementos do nível do léxico, da frase e do discurso estão integrados à gramática e suas regras. Uma vez que está sujeita a diferentes tipos de regras de textualização e normas sociais de atuação, sua análise limitada apenas a descrição de regras é incapaz de explicar seu funcionamento.

Para que a análise gramatical vá além desses limites da descrição das regras, acreditamos que a linguística funcional oferece subsídios consistentes para a reflexão.

3. Linguística Funcional: uma abordagem centrada em analisar os variados usos da língua.

Segundo CUNHA (2016), o funcionalismo é uma corrente linguística que, preocupa-se em estudar a ligação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos em que elas são usadas. Dessa maneira, a abordagem funcionalista busca elucidar as regularidades observadas no uso interativo da língua e os padrões cognitivos presentes na construção dos significados.

Os aspectos cognitivos da construção de significados têm sido estudados pela Linguística Cognitivo-Funcional, a qual examina

a linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual. (SILVA. p.01, 1997)

Considerando o fato de que a língua é um instrumento de comunicação de caráter social e que, portanto, possibilita aos seus falantes a transmissão e a recepção de enunciados por meio de interação social e ainda o poder de agir sobre ela, compreende-se, com isso, que não podemos tratá-la de forma como se fosse estática ou imutável. A língua faz parte de uma comunidade de falantes, pertencentes a determinada cultura e inseridos em diferentes contextos, num processo constante de mudanças que os possibilitam dispor de uma variável de expressões em diferentes cenários culturais.

A maneira como tudo isso acontece faz parte do que se denomina de processos cognitivos de domínio geral, que consistem na forma como nosso pensamento se organiza para fazer uso da língua. Compartilhamos, na comunicação de blocos de significados, por meio da fluidez cognitiva, a qual, de acordo com OLIVEIRA (2017), baseia-se em “representações múltiplas de conhecimentos similares que surgem na mente”.

Explica, ainda, a autora que

em consequência disso, o conhecimento pode ser aplicado para além do propósito especial para o qual normalmente é utilizado. Em vista disso, ligações perceptivas entre domínios são geradas. Isso significa que pensamentos presos a domínios específicos são integrados e interagem, produzindo novos tipos de pensamento. O mapeamento entre domínios é, então, uma característica fundamental do desenvolvimento cognitivo. (Oliveira, 2017, p.79)

Nesse sentido, o contexto cultural em que os indivíduos se desenvolvem também motiva na caracterização dos tipos de domínios que surgem, se combinam e viabilizam ao falante, no momento do discurso, fazer uso do mínimo de palavras, para transmitir o máximo de significados.

Tais significados, ou sentidos, como denominado pelo funcionalismo, serão determinados a partir dos diferentes níveis de realização da língua (Fonológico, Morfológico, Sintático, Semântico, Pragmático e Discursivo) e através das categorias gramaticais organizadas pelo nosso pensamento, ou seja, o sentido de um enunciado será resultante de um processo mental do sujeito e seu conhecimento de mundo.

De acordo com OLIVEIRA (2017) e SILVA (1997), a linguística cognitivo-funcionalista reflete a categorização linguística como sendo uma das capacidades cognitivas que tem por objetivo identificar, nomear, classificar e relacionar por similaridade ou ligação de identidade, diferentes entidades que sejam considerados membros de uma mesma classe.

Essa classificação é realizada com base em experiências e percepção dos falantes e se processa, geralmente na base de protótipos, ou seja, baseia-se num conjunto de traços mais ou menos presentes nas representações mentais dos membros da categoria. Por exemplo o verbo “Lacrar”, em seu sentido prototípico é um transitivo direto que significa aplicar lacre em; selar ou fechar com lacre. Porém, a depender do contexto em que o falante ou a palavra estiverem inseridos este receberá uma nova categorização e/ou significado, podendo indicar por exemplo um adjetivo, substantivo, advérbio de modo, dentre outras categorias e até mesmo continuar a ser um verbo de sentido não prototípico.

Assim, fica perceptível que há entidades mais prototípicas e outras mais abstratizadas, ocupando espaço de interseção categorial. Além disso, os exemplares considerados mais prototípicos em seu nível de categorização ganham maior visibilidade do que aqueles tidos como mais abstratos, conseqüentemente uns tendem ser mais facilmente identificados, enquanto outros membros são menos perceptíveis

Através de Oliveira (2018), por exemplos fica evidente que o afixóide lá sob a perspectiva da construção conectora textual formada por locativo + verbo (ex.: o shopping está lá) tendem ser mais facilmente identificados, que o

uso desse afixóide em construções marcadoras discursivas integrada por verbo + locativo (ex.: Olhe lá... Tome cuidado...) e construções intensificadoras de grau (ex.: Pra lá de romântico...).

Neste sentido, a ideia central da linguística cognitivo-funcional é trabalhar a fala e a escrita em seus usos contextualizados, de forma a vincular gramática e discurso numa tentativa de explicar a forma da língua a partir das funções que ela desempenha na comunicação. O funcionalismo considera que a língua é usada, sobretudo, para atender as necessidades comunicativas do falante.

Deste modo, como já fora dito anteriormente, a estrutura gramatical da língua será motivada pela situação comunicacional e dependerá dos usos que se faz dela. Tal estrutura é, então, uma variável dependente, pois são os usos da língua que, ao longo do tempo, dão forma ao sistema.

Casseb-Galvão e Bagno (2017), explicam a estrutura gramatical da língua como sendo uma variável dependente, pois ambos visam a língua como sendo um “sistema múltiplo, um conjunto de subsistemas, denominado variedades.” em que essas variedades representam “diversos estágios da mudança linguística, convivendo ao mesmo tempo dentro de uma dada sociedade.”.

Sendo assim, trata-se de uma variável dependente, pois as mudanças que ocorrerão na língua de determinada sociedade advirão de fatores que estão inter-relacionados às diferentes tendências, crenças, ideias, experiências interacionais individuais e coletivas, práticas e visão de mundo que permeiam a vida da sociedade de determinada comunidade.

Além disso, um outro pressuposto da Linguística Cognitivo-Funcional é a gramaticalização de construções que trata da gramática não como um conjunto separado de leis e de regras, mas sim como uma rede de forma e sentido variáveis, com um elo de correspondência simbólica em que as palavras estão conectadas umas às outras a disposição do falante para que ele construa textos que sejam compreensíveis.

Isto posto, a gramaticalização, segundo ROSÁRIO (2015), concernirá na mudança pela qual, em certos contextos linguísticos, os falantes usam uma construção com uma função gramatical, que, no decorrer do tempo, pode continuar a receber novas funções gramaticais.

Isso quer dizer que toda palavra tem uma forma (expressão), pela qual é representada e tem seus sentidos, ou seja, os significados e/ou funções que atribuímos a ela, por meio das categorias gramaticais. Essas categorias surgem e desenvolvem ao longo do tempo, flexionando-se a medida em que haja a necessidade da comunicação ser adequadamente efetuada pelo falante. Para alcançar esse propósito, formas linguísticas serão utilizadas, desde as mais prototípicas até as mais abstratas.

A despeito da consistência e abrangência desse viés funcionalista de descrição linguística, é perceptível a distância da língua apresentada em boa parte dos guias gramaticais, em relação à língua que usamos em nossas interações cotidianas.

A partir disso e reforçando o fato de que a língua é determinada pelas situações de comunicação real em que os falantes interagem, CUNHA(2016) e TAVARES (2016) defendem que não se pode estudar a língua analisando apenas a sua forma, já que esta relaciona-se “a um significado e a serviço do propósito pelo qual é utilizada, o que depende de cada contexto específico de interação”.

Porém, sabe-se que há algum tempo os estudos de língua materna nas escolas tem se baseado no Português como sendo uma língua regida por uma gramática de cunho tradicional (prescritivo-normativo), concentrando-se no ensinamento de classes e funções e definindo nomenclaturas ao amplo leque lexical, em desacordo com os usos reais nos níveis da fala e da escrita,

Por conseguinte, o ensino de língua materna tem sido desenvolvido artificialmente e de forma compartimentada, desvinculado das situações de uso, portanto, um ensino fragmentado em que as relações entre formas e funções não estão ligadas às condições de interação comunicativas.

Vemos, através disso, que a abordagem funcionalista tem muito a contribuir como suporte para um processo de ensino-aprendizagem que vise a ampliação das habilidades relevantes para a construção reflexiva de textos orais e escritos, de gêneros e níveis de formalidade diferentes.

CUNHA e TAVARES (2016), discorrem sobre o grau de relevância que há quando, a partir das variedades linguística que o enunciador já domina, são realizados os estudos relacionados a gramática de determinada língua, isso porque, se o falante já traz consigo uma gramática internalizada, não se é

necessário ensinar aquilo que já se sabe, para os autores, é mais relevante que novos conhecimentos sejam agregados ao saber linguístico já existente em determinada comunidade de falantes, para que após ensinados e compreendidos, sejam usados por estes de acordo com a necessidade, adequação e dinamicidade do contexto em que estão inseridos.

No que diz respeito ao ensino de gramática de língua materna, CUNHA (2014) diz que as contribuições da linguística funcional e das descobertas empíricas que vêm sendo feitas com base em seus preceitos teórico-metodológicos, de modo a apresentar possíveis relações entre forma e função no âmbito das unidades gramaticais, estão em consonância com as proposições do ensino de Língua Portuguesa dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Trabalhar com a língua(gem) numa abordagem funcionalista implica em contemplar tanto a modalidade escrita quanto a falada, além de nos possibilitar uma relação entre forma e função moldada conforme os usos.

Dessa maneira, ao invés de termos um ensino repetitivo e enfadonho de regras e normas da Língua Portuguesa, podemos trazer aos alunos uma perspectiva interacionista, que valoriza sua linguagem cotidiana, transformando-a em objeto de reflexão e análise.

4. A linguagem multimodal dos memes em uma perspectiva construcional

Segundo o Museu de Memes¹, a palavra meme é um neologismo, cujo “campo de estudos é recente, mas o fenômeno não se circunscreve à cultura do compartilhamento contemporânea”, os autores do website afirmam que os memes possuem uma história relacionada ao etólogo Richard Dawkins. Em sua tese sobre determinismo genético, ele propôs um nome que pudesse definir os processos de replicação e evolução cultural que lhe chamaram a atenção durante os seus estudos. Em sua visão, assim como os genes eram os principais responsáveis por replicarem o conteúdo geracional na evolução biológica dos organismos vivos, ele reconheceu, que talvez houvesse uma outra unidade de replicação, diferente dos genes, responsável pela seleção e transmissão de conteúdos inscritos em nossa cultura, uma espécie de evolucionismo cultural que funcionaria juntamente a evolução natural.

E foi assim que Dawkins por não ter encontrado outro nome mais adequado para o determinismo que defendia em sua tese, adaptou a raiz grega “mimeme” (μίμημα) e criou o termo “meme”, que, acabou por viralizar, por meio da sua obra intitulada “O gene egoísta”(traduzido para o português), a qual tinha como principal objetivo, demonstrar que a cultura se espalha tal como genes. Após isso, muitas foram as adaptações de conceito desenvolvidas até que se fosse construído o que conhecemos hoje, ainda que pouco, como memética.

Em linhas gerais, o meme, na proposta original de Dawkins, trata-se de ideias que se propagam pela sociedade (nossas redes sociais) e sustentam determinados ritos ou padrões culturais. Com isso, poderíamos considerar como sendo memes praticamente todas as práticas de linguagem utilizadas pelos falantes para compartilhar elementos de uma determinada cultura e sociedade.

Somente a partir dos anos 2000, os memes, da forma como hoje são conhecidos se difundiram na web, especialmente como um meio de manifestar expressões de comunicação, nas redes sociais online. Os memes da atualidade, assim como aqueles da teoria original de Dawkins, se propagam rapidamente nos ambientes onde são adaptados, perpetuando, memeticamente as características da cultura da onde advém. No que se refere as redes sociais, os

¹ <http://www.museudememes.com.br/o-que-sao-memes/>

memes associam diferentes gêneros discursivos, criando novas maneiras de compartilharmos blocos de sentidos. Uma vez que são representantes da cultura popular nos ambientes virtuais, com efeitos de sentido geralmente de humor, sua ampla repercussão garante que expedientes de linguagem, tais como metáfora, metonímia e associação transmodal sejam usados para criar novas formas de comunicação.



Figura 1 (EasyCodes)

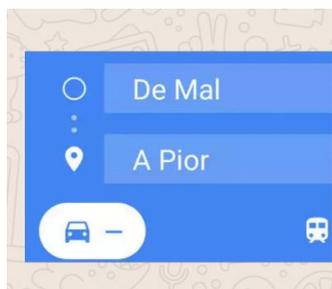


Figura 2 (WestSide)

Nas figuras 1 e 2 há uma relação metonímica quantitativa (a parte pelo todo) que garante o efeito de sentido produzido em ambos os memes.

No meme da figura 1, essa relação se dá pela sobreposição da expressão “MEDIDAS DEVEM SER TOMADAS” na imagem de uma tomada elétrica (plugue) que está sendo medida por uma trena (régua flexível). Essa expressão em seu sentido prototípico é sinônimo de providência, ou seja, de que algo deve ser resolvido por alguém. Porém, conforme foi sobreposta a esta imagem, abstratiza-se e passa a ter um sentido diferente, isso porque, a imagem faz uma tradução denotativa dos sintagmas presentes nessa expressão.

Já no meme da figura 2, essa relação está na linguagem verbal inserida na imagem, que representa um aplicativo de localização denominado de “Google Maps”, cujo usuários inserem no campo de busca o local de origem e o local final (de onde vai, a onde se quer chegar) para que assim, o APP trace as rotas pelas quais o indivíduo deverá se locomover para chegar ao destino desejável. Neste meme, a união de palavras e imagem fazem menção a expressão “indo de mal à pior” utilizada pelos falantes da Língua Portuguesa quando se quer dizer que alguma coisa não vai conforme deveria/planejado.

Assim sendo, para que os usuários dos memes acima os entenda, faz-se necessário que eles compartilhem de elementos da cultura virtual e cotidiana, uma vez que, estes especificamente, por estarem em seu sentido figurado, podem não ser compreendidos e interpretados pelo receptor da

maneira que seu transmissor almeja. O meme 1, por exemplo, só será entendido corretamente se a expressão nele contida e os elementos tomados e trechos no sentido em que estão postos façam parte da cultura de seus usuários. Já com o meme 2, não é diferente, pois, para que seja entendido é necessário que a expressão “Indo de mal à pior” e o aplicativo de localização (Google Maps), façam parte do cotidiano de quem dele faz uso. Pelo contrário, caso algum dos elementos contidos em um meme não seja de conhecimento de quem está a acessá-lo, será preciso apresentá-lo, para que posteriormente seja assimilado.

Por esse motivo, é preciso entender que não é em qualquer contexto que estes e outros memes serão utilizados, a menos que o propósito seja o de simplesmente compartilhá-lo com alguém. Há sempre uma temática e um contexto por detrás do seu uso, pois eles direcionam e fazem com que frames (domínios de sentido) sejam acionados no cognitivo de quem o está decodificando.



Figura 3 (stickerBH)



Figura 4(memes do J Barbosa)

Nos memes das figuras 3 e 4, observamos que há uma relação metafórica entre linguagem verbal e linguagem não verbal, isso porque, fora feito o uso de expressões em lugar de outras, sem que houvesse uma relação real, mas que a partir do momento em que foram sobrepostas a imagens representativas de seu significado, passam a construir um novo sentido por meio da associação entre elas.

Na figura 3, como se pode ver, temos a expressão “ESTOU DESAPONTADO” acompanhada da imagem de um lápis, o qual está com a ponta quebrada. A junção dos dois elementos propicia aos usuários desse meme

fazerem diversas interpretações, dentre elas, a de comparar o sentimento de desapontamento ao desapontar da ponta do lápis quando está quebrada. Entretanto, há também uma relação metonímica, entre as linguagens que se comunicam neste meme, pois, a medida em que se coloca a imagem do lápis com a ponta quebrada ao fundo, a expressão é complementada ganhando um novo sentido que nos faz entender que a depender do contexto em que esse meme estiver sendo utilizado, o estar desapontado presente nessa expressão, tanto pode ser do lápis que está sem ponta, quanto o sentimento de decepção, ao haver uma quebra de expectativa em relação a alguém ou alguma coisa, só que representada de maneira bem humorada.

No que diz respeito ao meme da figura 4, a expressão “segura a onda!”, é representada metaforicamente através da imagem de alguém que segura nas mãos uma onda marítima. Assim, uma comparação que antes tinha significado implícito, passa agora a ter um novo sentido explícito e diferente do que é comum ao uso dessa expressão por falantes da Língua Portuguesa, ou seja, o de aguentar determinada situação sem perder a compostura, manter a calma, não desesperar. Portanto, o uso da expressão junto à imagem constrói também, relação metonímica, já que as palavras foram usadas fora do contexto semântico normal, trazendo uma significação de relação objetiva material com o referente ocasionalmente pensado para o contexto de uso.

No que se refere a estrutura gramatical da linguagem verbal do meme, em ambas imagens é possível identificar que existe um sujeito que se apresenta de forma implícita. Isso somente pode e é percebido de forma nítida a partir da associação de imagem e frase. Assim, o que antes não era explícito, passa agora a ser, na primeira figura, por meio de um lápis e na segunda, por meio da representação de um homem que segura nas mãos uma onda marítima.



Figura 5 (Stickers)

Neste meme, temos uma relação completamente metafórica que pode ser percebida a partir da união entre a expressão “a que ponto chegamos” e a imagem da personagem Mônica na janela de um ônibus. Neste caso, pode parecer que ambos elementos se utilizado separadamente possuem sentidos diferentes, isso por causa dos possíveis contextos de uso, mas a medida em que são postos juntos e assim analisados, seja pela linguagem puramente verbal, seja apenas pela imagem, é possível chegarmos a um denominador comum no que diz respeito ao seu significado.

Isso porque, apesar da imagem permitir a nós a interpretação de que a personagem está se referindo ao “ponto” quanto a estação/parada onde acontecem os embarques e desembarques dos passageiros de ônibus, isso não altera o fato de que a palavra “ponto” tanto para a linguagem verbal, quanto para a sua representação não-verbal nesse meme, está no sentido de limite, o que muda é que em seu contexto original, “a que ponto chegamos”, pode ser entendido como uma situação extrema que chegou a determinado ponto (circunstância), o que não deixa de caracterizar algo que não se deve ser ultrapassado.

Assim, a palavra “ponto” presente nessa figura não só nos permite fazer uma relação metafórica por causa dos sentidos denotativo e figurado usados em determinados contextos, como também causa efeitos de sentidos de ambiguidade ainda que tenha um mesmo significado.

A expressão idiomática desse meme, na forma em que é conhecida pelos falantes que a utilizam, denota uma interrogação, isso porque, originalmente, nas situações de interação comunicacional real, é utilizada a partir de um contexto dramático. Entretanto, neste meme, tal expressão ao passo que fora combinada a uma imagem, perde a necessidade de ser usada como frase interrogativa, uma vez que não há um contexto dramático expresso por meio desse meme.



Figura 6 (Foda se)



Figura 7(Não Entre aki)

Vimos neste trabalho que, os memes, funcionam basicamente pela capacidade de propagarem determinadas ideias de maneira rápida e com humor. Além disso, eles, por meio dos poucos elementos que os constituem, além de conseguirem transferir novos sentidos a linguagem que os compõem, são capazes também de fazerem modificações na estrutura frasal presente neles.

Na figura 6, por exemplo, percebe-se que há uma adaptação da expressão idiomática do provérbio popular português, “não se pode ter tudo na vida” à imagem que, de maneira metonímica, dá condição para se fazer uma mudança na forma dessa expressão. Assim sendo, a expressão que antes era usada como um simples ditado popular que expressa filosoficamente o ter, o conquistar e o acontecer na vida dos indivíduos, agora, trazida para o contexto do meme, tem sua forma modificada para “não se pode tetudo na vida”, por causa da associação que se faz entre “ter tudo” (verbo + pronome indefinido) forma original da frase, a imagem de um menino tetudo (adjetivo de quem tem peitos grandes) forma metonimicamente contextualizada.

Na figura 7, a mudança na estrutura frasal acontece de maneira parecida, o que diferencia é que o humor desse meme não é dado necessariamente por meio de associação de imagem, ela apenas ilustra a situação em que ocorreu o diálogo do texto em questão e norteia o usuário desse meme em relação ao enunciador ser do sexo feminino. Nesse caso, a mudança da forma acontece na linguagem verbal do meme, via a metáfora que é feita a partir de um trocadilho quando, a falante (A) pergunta a falante (B) “que horas são?”, (B) ao responder que não tem relógio transmite a ideia de não saber o

presente horário, e segue caminho, (A) chama (B) de Sem hora (preposição indicativa de ausência + substantivo que indica tempo), fazendo analogia ao pronome de tratamento “senhora”, atribuindo assim o humor desse meme.

5. Considerações finais

O trabalho a ser desenvolvido no ensino de Língua Portuguesa não deve se limitar apenas ao ensino de regras, conceitos e terminologia, como visa a Gramática Tradicional, pois esses são recursos metalinguísticos usados apenas como um meio para se trabalhar a compreensão do funcionamento da língua.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) propõem como metodologia para o trabalho com os objetos de ensino de Língua Portuguesa, partir de atividades que envolvam o uso da língua, como produção e compreensão de textos orais e escritos em diferentes gêneros discursivos, seguidas de atividades de reflexão sobre a língua e a linguagem a fim de aprimorar as possibilidades de uso.

Neste sentido, os estudos da língua devem levar o estudante a conhecer e usar com eficiência comunicativa todos os recursos que a língua lhe oferece de maneira reflexiva, fazendo isso, a partir dos conhecimentos epilinguísticos que ele já possui.

Os memes podem se apresentar em redes sociais como imagens legendadas, vídeos virais ou expressões difundidas, em plataformas como Facebook, Twitter, Instagram e WhatsApp. Nestas plataformas e em outras plataformas semelhantes, os memes, antes de se propagarem e viralizarem são criados. A partir disso, qualquer usuário das redes sociais pode criar ou replicar esta forma de linguagem.

A permanência e difusão dos memes nos seus contextos de uso está relacionada à eficiência da comunicação por ele estabelecida. Assim, podem ser usados em diferentes contextos e a partir deles adquirir diferentes funções, podem permanecer o mesmo ou evoluir ao longo do tempo, podem evoluir e se espalhar mais rapidamente, chegando às vezes a popularidade em todo o mundo e desaparecendo completamente em poucos dias.

Estes tem sido compreendido como representantes da cultura popular nos ambientes virtuais e têm associado diferentes gêneros discursivos, criando assim, novas maneiras de compartilharmos blocos de sentidos.

Devido a eficiência desse tipo de associação na comunicação entre os falantes, percebe-se que os memes tem se destacado como um fenômeno de linguagem multimodal altamente produtivo nas redes sociais.

Dessa forma, foi possível constatar que há um outro olhar para gramática, no que diz respeito ao uso dos memes nos estudos ligados ao ensino de Língua Portuguesa, pois, a partir da linguagem multimodal que os constituem é possível refletir acerca das variáveis formas e funções que se apresentam nos diferentes contextos da língua.

Isto posto, fica evidente como a análise linguística sob uma perspectiva construcional dá subsídios e pode contribuir para que o processo de ensino-aprendizagem amplie e desenvolva nos alunos habilidades que os capacitem realizar uma construção reflexiva tanto em textos orais quanto em textos escritos, de gêneros e níveis de formalidade diferentes, reconhecendo-os e adequando-os dentro dos respectivos contextos.

Assim, é notório que o meme ao trabalhar a língua(gem) sob uma abordagem funcionalista, contempla nela as modalidades verbal e não-verbal, além de nos possibilitar a ressignificação da gramática através da relação entre forma e função moldada conforme os usos, tornando-a mais interessante e acessível pela capacidade que tem de transmitir ideias e informações de maneira mais rápida, humorada e atrativa.

A análise dos memes nos mostra que expedientes cognitivos como metáfora, metonímia e associação entre diferentes tipos de linguagem são usados em contextos de interação virtual entre os falantes, criando domínios de sentidos próprios das redes sociais.

6. Referências

ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 03 março de 2020.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. BAGNO, Marcos. **Mudança linguística: fenômeno sociocognitivo de base funcional**. IN: GALVÃO, Vânia Casseb; NEVES, Maria Helena de Moura. O todo da língua: teoria e prática de ensino de português. 1ªed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da (2014). BISPO, Edvaldo Balduino. SILVA, José Romerito. **Linguística funcional centrada no uso e ensino de português**. Disponível em: file:///C:/Users/gabri/Downloads/Documents/32985-111230-1-PB.pdf. Acesso em: 22 jan. de 2020.

CUNHA, Maria Angélica Furtado. **Funcionalismo**. IN: Martellota, Mário Eduardo (org.). Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2016.

CUNHA, Maria Angélica Furtado. TAVARES, Maria Alice. **Linguística funcional e ensino de gramática**. 1ª ed. Natal, RN: EDUFRN, 2016. 223p.:PDF; Disponível em: www.edufrn.ufrn.br .

FRANCHI, Carlos. **“Mas o que é mesmo ‘Gramática?’”**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MEMES, Museu de. **O que são memes?**. Universidade Federal Fluminense: 2011. Disponível em: <https://www.museudememes.com.br/o-que-sao-memes/>. Acesso em: 03 março 2020.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de (UFF). **Capítulo 1: Linguística funcional centrada no uso e ensino**. IN: GALVÃO, Vânia Casseb; NEVES, Maria Helena de Moura. O todo da língua: teoria e prática de ensino de português. 1ªed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

POSSENTI, Sírio. **Porque (Não) ensinar gramática na escola?**. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. **Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional**. IN: OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa. Linguística Centrada no uso- Teoria e método. 1ªed. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2015.

SILVA, Augusto Soares da. **A LINGUÍSTICA COGNITIVA UMA BREVE INTRODUÇÃO A UM NOVO PARADIGMA EM LINGUÍSTICA.** Revista Portuguesa de Humanidades, 1997. Disponível em: www.inf.unioeste.br .

SILVA, Leosmar Aparecido da (UFG). **Capítulo 4: Por um ensino produtivo de gramática.** IN: GALVÃO, Vânia Casseb; NEVES, Maria Helena de Moura. O todo da língua: teoria e prática de ensino de português. 1ªed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

SILVA, Taís Cristóforo. **Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 1999.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática.** 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.